



*Confederazione Mondiale Mornese Exallieve ed Exallievi delle Figlie di Maria Ausiliatrice*

*Via Gregorio VII, 133/B 00165 Roma*

*Tel. 06/39.37.51.31 C.F. 97070250580 [www.exalliefma.org](http://www.exalliefma.org)*

## **“HUMILDE E MAIS ALTA CRIATURA” A caminho com Maria, mestra de ecologia integral**

### **8. Maria, Rainha da Paz**

Linda Pocher, fma

A palavra “paz” aparece em 324 versículos das Escrituras. Desejada, invocada, prometida, querida, a paz de que fala a Escritura, *shalom* em hebraico, é muito mais do que a ausência de conflito: é plenitude de vida e de comunhão com Deus, com o próximo e com toda a criação. Por isso, os fiéis - nas cartas apostólicas - saúdam-se desejando a paz, que segundo os Evangelhos é também o primeiro dom do Ressuscitado, que no primeiro dia depois do sábado aparece vivo aos seus amigos assustados e os encoraja a sair e compartilhar com o mundo este mesmo dom (Lc 24,36). Ser pacificadores, segundo Jesus, é um traço distintivo daqueles que nasceram de novo a partir do batismo, daqueles que demonstram com suas obras a própria identidade de filhos e filhas de Deus (Mt 5.9).

Se a paz é plenitude de vida, a guerra, o conflito são ameaça de morte. O conflito não destrói apenas a amizade entre os indivíduos, as famílias e os povos, destrói também a beleza e a harmonia entre os seres humanos e as outras criaturas. Uma cidade, um vilarejo bombardeado, não perde apenas as vidas humanas que caem sob a violência do fogo: também a terra, o ar, a água são feridos, poluídos, os animais afastam-se ou morrem, numa multiplicação de destruição e de dor. Existem mais de cinquenta conflitos armados no mundo neste momento. A estes devem acrescentar-se as situações de precariedade e de tensão política e social, vividas em muitos contextos em todo o mundo, onde os seres humanos e outros seres vivos são impedidos de desenvolver plena e pacificamente as suas próprias possibilidades.

O compromisso com a ecologia integral não pode deixar de levar em consideração o drama da contínua expansão dos conflitos, do mercado legal e ilegal das armas, das condições de abuso, opressão, miséria e exploração em que os seres humanos se encontram atualmente em muitas partes do nosso mundo. A paz, como plenitude de vida e de harmonia, é a aspiração mais elevada a que o processo de conversão ecológica pode e deve aspirar. E a paz como gestão madura dos conflitos, na rejeição da violência e na busca por mediação, conciliação, reparação, é uma condição fundamental para que possamos florescer em nossas cidades, assim como nas províncias e nas zonas rurais, relações justas entre os seres humanos e com a natureza. Que a paz seja alcançada para prevalecer sobre o conflito, por outro lado, é um dos quatro critérios de discernimento em vista da ação que o Papa Francisco confiou a todos os homens e mulheres de boa vontade, na encíclica *Evangelii Gaudium*.

Neste caminho difícil, mas necessário, Maria Rainha da Paz pode ajudar-nos com a sua poderosa intercessão, mas não só: com o exemplo da sua vida ela pode ser modelo e guia para nós nas escolhas de cada dia. Na verdade, começamos a construir a paz nas relações diárias. Começamos a construir a paz educando as crianças e os jovens para viverem em paz com os seus colegas, com os vizinhos e os familiares.

A invocação a Maria como Rainha da Paz foi acrescentada às litânias de Loreto por Bento XV em 1917, em plena Primeira Guerra Mundial. Recorre-se a Maria, Rainha da Paz, antes de tudo pela relação que a une ao seu Filho, o Príncipe da Paz. Teotecno de Lívia, no século VII, afirmava que a Escritura “também chamava paz à Mãe de Deus, quando dizia: “Justiça e paz se beijarão. A verdade



germinará da terra” (Sl 84,11). A paz é Maria. A justiça é Cristo e a fidelidade é Cristo”. Os autores cristãos, especialmente na Idade Média, reconheceram algumas características de Maria na Amada do Cântico dos Cânticos. A Amada, por exemplo, é chamada de Sulamita (Cântico dos Cânticos 7.1), ou seja, aquela que traz a paz com a sua presença e o seu amor. Da mesma forma, Maria, amada com predileção pelo Pai, dócil ao Espírito e muito próxima do seu Filho Jesus, foi verdadeiramente uma pacificadora na sua vida cotidiana em Nazaré e em Jerusalém, no tempo da sua peregrinação terrena, e ainda continua hoje a interceder por nós, o dom da paz do Céu.

Muitas vezes imaginamos a vida cotidiana de Maria, José e Jesus como um pequeno paraíso na terra, onde todos vivem em harmonia e sem conflitos. É muito provável, na realidade, que a vida cotidiana de Nazaré fosse bastante complexa do ponto de vista relacional e que pedisse de Maria, um contínuo empenho para tecer e refazer relações, superando incompreensões, preconceitos e rigidez. Segundo os costumes da época, a jovem esposa ia viver com a família do marido, onde partilhava a vida cotidiana com os cunhados, cunhadas e muitos sobrinhos. Podemos imaginar o barulho, as discussões, as pequenas invejas e ciúmes, que não poderiam faltar no dia a dia de uma família grande. Além disso, nas entrelinhas, os evangelhos nos falam da luta dos habitantes de Nazaré para acolher a pessoa e a mensagem de Jesus. Tratava-se de uma pequena aldeia, com cerca de 300 habitantes, onde todos se conheciam de dentro para fora. Esta situação não deve ter sido nada fácil para Maria. A sua formação como pacificadora certamente começou aqui.

Além disso, o livro dos Atos dos Apóstolos oferece-nos uma visão da primeira comunidade, na qual Maria está presente e a sua presença é particularmente significativa. Sabemos disso porque ela é a única mulher do grupo a ser chamada pelo nome, como os doze apóstolos (Atos 1.14). O autor indica a “concordia” como traço característico desta primeira comunidade e estamos tão habituados a ouvir isso que não percebemos como esta concordia deve ter sido fruto de um trabalho paciente de mediação e reconciliação. Antes da Páscoa, de fato, Jesus tinha profetizado a dispersão dos discípulos (Mt 26,31) e, de fato, depois da sua prisão, alguns fugiram, outros negaram. Alguns, porém, juntamente com as mulheres e Maria, encontram coragem para ficar até o fim. A primeira comunidade, portanto, foi efetivamente dividida em duas. E a presença de Maria poderia ter constituído uma espécie de reprovação contínua para aqueles que os traíram. Se não foi assim, também o devemos à capacidade de Maria de perdoar os traidores do Filho e de recebê-los de volta, todos, como filhos seus.

Num mundo ferido como o nosso, a paz só pode florescer onde a misericórdia é semeada com abundância. Maria conhece a arte e o preço do perdão e de um acolhimento amplo, capaz de incluir todos. Não vivia nem em uma família nem em uma comunidade ideal. Precisou recomeçar todos os dias a perdoar, a dialogar, a tecer e refazer relações. Confiemo-nos a Ela e peçamos o dom de sermos pacificadores nos nossos ambientes, nas Casas, nas Paróquias, nos bairros onde vivemos. A paz vivida entre nós será o mais belo testemunho do amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo que abraça e que dá vida a todas as criaturas.